



**NOTÍCIAS DOS NOSSOS CORRESPONDENTES
ESTRANGEIROS – UMA VISÃO A PARTIR DA
PERSPECTIVA DE UM ESCRITOR: MARTIN COOPER -
Huddersfield University M.Cooper@hud.ac.uk**

Tradução de:

Jéssica Bergonzini

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Graziele Veira Garcia

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

“Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diversas maneiras; a questão, porém, é transformá-lo.”
(Karl Marx)

INTRODUÇÃO

“Um inglês é ferido em manifestação na América do Sul”. É o tipo de notícia que, eu estaria mentindo, se dissesse que não escrevi pelo menos uma em toda minha carreira jornalística. E na medida em que funcionar como uma fórmula que os leitores, os ouvintes e os espectadores na Grã-Bretanha entendem, eu provavelmente usaria novamente. O fato de que talvez dezenas ou centenas de residentes latino-americanos possam ter sido feridos também, ou até mesmo mortos nesse hipotético incidente, poderia até ser mencionado, mas apenas de passagem ou no final da história. Dados que, provavelmente só seriam incluídos para enfatizar como o inglês teve sorte de sobreviver em um país estrangeiro hostil. Quando meu dia de trabalho estivesse concluído, eu estaria preparado para defender minha decisão até fechar o bar se alguém quisesse discutir comigo. Mas ainda assim,

Igarapé, v. 11, n. 1, 2018, p. 48-67

Williams (1976) alerta que “há um risco, conforme nos acostumamos com uma única maneira de olhar para o mundo, com base no nosso programa ou personagem favorito, de esquecermos que é, afinal, apenas uma das muitas maneiras possíveis”.

Eu estava conversando com a diarista que limpava a casa onde me hospedei em Rondônia, quando ela me perguntou:

– Por que todos os ingleses dançam nas mesas dos restaurantes com os pênis de fora?

– Nós não fazemos isso, eu nunca fiz isso! – exclamei com surpresa e indignação.

– Fazem sim, – ela afirmou – eu vi em um programa de notícias na televisão ontem à noite!

Esse artigo não é um pedido de desculpas. Minha profissão é jornalismo. Eu trago eventos e fatos do mundo todo e os levo simplificados em breves declarações e artigos, os quais meu público irá compreender e conectar-se a eles. Se eu não conseguir colocar um evento internacional de uma forma com a qual meus ouvintes se relacionem, então a história é relegada por falta de importância. A história pode acabar não sendo transmitida ou impressa. Por isso, talvez seja uma coisa boa que ingleses fictícios tivessem suas pernas quebradas por um cassetete da polícia, ou senão meu público nunca teria ouvido falar naquela briga a princípio. Houve inúmeros acidentes de ônibus e deslizamentos de terra que não foram reportados pela mídia britânica, simplesmente porque ocorreram em terras estrangeiras. Eu mostrarei como a produção de notícias na Grã-Bretanha é, em geral, anglocêntrica, com exceção de alguns jornais especializados.

1 CONSTRUINDO UM MODELO

O que se passa nas diferentes mentes de escritores, editores e publicadores? Como eles decidem o que autorizam, publicam e vendem? O que se passa na cabeça de um escritor que realiza observações sobre uma região e sua população? Farei considerações sobre cada um deles.



Notícia é um monstro de subjetividade. Seleciona seus próprios assuntos de acordo com gostos, moda, mercado em massa e lucro. Na minha experiência, a seleção de histórias para impressão e transmissão é uma mistura sutil destes e de outros fatores aparentemente ilógicos e aleatórios. Jornais, rádios e estações de TV fazem essas escolhas a toda hora, todos os dias. Assim como editoras de livros fazem escolhas semelhantes baseadas em caprichos e fantasias. Suas escalas de tempo são medidas em meses e anos. Na Grã-Bretanha, no final dos anos 1990, o mercado consumidor se tornou uma força dominante para decidir quais livros seriam publicados. Um editor comercial ficou conhecido pelo conselho que passou a um autor, durante a discussão de um projeto particular: “O que você tem que fazer é me dizer como eu posso vender essa ideia aos investidores do andar de cima. Qual o público destinado para a obra? Em qual seção ele será vendido? Como ele será visto nas prateleiras?”. Então, o autor pensa consigo, “o conteúdo e o estilo literário não parecem ter muita importância aqui. Eu fui rebaixado do status de artista criativo a fabricante de sabão em pó, pois o leitor deve julgar meu livro pela capa”.

Todo autor quer ser publicado. Todo jornalista quer sua história no topo da primeira página. Este capítulo pretende explicar algumas das forças do trabalho, que moldam os escritos de autores e jornalistas ingleses. Esse modelo se baseia em experiência pessoal e observação, juntamente com os resultados da pesquisa conduzida com os maiores jornalistas britânicos.

2 O ESCRITOR

O processo criativo tem que começar com a ideia. Este é o trabalho de escritores e jornalistas. Os preguiçosos copiam dos outros. Os espertos pegam uma história pronta e acrescentam um novo viés. Os talentosos descobrem novos fatos e eventos por si próprios.

Antes de tratar sobre o discurso colonial: por que jornalistas e autores escrevem o que escrevem? Tunstall (1972) adverte que “notícias nunca devem ser um produto industrial padronizado”. Isso faz com que a construção de um modelo de

reunir, escrever e disseminar as notícias seja uma tarefa difícil. As teorias podem recair em três abordagens gerais. A primeira de que o escritor ou jornalista é livre pra pensar e agir, sendo guiado apenas por colegas escritores. A segunda é de que são meras marionetes daqueles que nos transmitem as informações, dançam conforme a música daqueles que são relatados nas colunas de política e economia. E por último, é a de que somos controlados pelos nossos financiadores ou empregadores, os editores que possam ter ligações políticas, obrigação de anúncios ou desejo de maximizar a audiência para obter lucro. Por experiência, a realidade é uma complexa e leve mistura de todos esses fatores. Além disso, para quem escrevemos? Pela pura experiência de escrever? Para tocar e mudar a vida de nossos leitores? Ou para impressionar os editores, fornecendo a eles uma história que irá agradar o suficiente para ser publicada? Talvez eu consiga um bônus se for impressa ou transmitida; e se ganhar destaque, alcançarei a glória profissional de ter uma história no topo do dia que, em troca, pode ajudar minha carreira adiante.

Vamos supor dois indivíduos: o primeiro acabou de “criar” uma notícia; o segundo é um jornalista sênior que está “selecionando” histórias para publicação. Na profissão de jornalista, minha regra própria de definição de notícias é “qualquer evento atual ou opinião inédita, é a revelação de novos fatos que possam interessar o leitor/ouvinte/telespectador, bem como maximize a circulação/audiência da minha publicação/rádio/TV. Deve levar informação que não era previamente conhecida pelo público, ou deve confirmar um ponto de vista, teoria ou crença já existente. O receptor deve entender e poder relacionar suas próprias experiências de vida a este fato novo. Deve provocar uma reação de surpresa, espanto, concordância, tristeza, risada ou raiva”

Para “criar” notícias o indivíduo ou grupo deve:

- Estar relacionado a algum acidente. Fontes típicas desse tipo de jornalismo são os serviços de emergência ligados a incêndios, acidentes de trânsito e assassinatos. Essas são vistas como histórias de “desastres negativos”;
- Ser parte de um grupo de elite de indivíduos, organizações ou países cujas atividades são assistidas e reportadas rotineiramente por jornalistas;



- Aproximar o jornal da informação. Alcança-se mais sucesso quando pessoas ou grupos usam um agente de imprensa acostumado a lidar com editores e que sabe fazer a complexa jogada de “plantar” uma história. Às vezes, notícias de interesse genuíno das pessoas podem conseguir publicação com um simples telefonema para uma sala de redação ou a um jornalista.

- Conhecer um jornalista ao acaso. É raro. *Freelances* tem a infeliz reputação de reciclar reportagens ao invés de fazer coberturas exclusivas. A tendência da década de 1990 era de produzir notícias em vez de apenas reuni-las. Embora jornalistas sejam treinados a descobrir histórias intuitivamente, muitos passam horas do dia atrás da mesa, ao invés de reportarem os eventos de suas respectivas comunidades. Felizmente, esse problema é voltado às grandes empresas de notícia.

Para “selecionar” notícias para publicação um jornalista considera os seguintes fatores:

- Isso se encaixa na definição de notícias? E, especificamente: é uma história de interesse atual? A primeira cobertura de um desbarrancamento durante a chuva, o assassinatos de uma criança, de um caso de escravidão agrícola, de um incêndio florestal e uma tribo em perigo, tendem a servir para publicação, mas casos recorrentes precisam se destacar para fazer valer uma cobertura e consequente publicação.

- A história tem relevância para vida do leitor? Um acidente de ônibus em Rondônia faz algum sentido para um leitor do subúrbio da Inglaterra se ele nunca ouviu falar nesse Estado brasileiro? Um vazamento de gás em Glasgow, Escócia tem alguma relevância para o dono de um sítio próximo a Jaci-Paraná há poucos quilômetros da fronteira com a Bolívia? Além da resposta óbvia, a questão a seguir é raramente feita: se fosse o caso, como fazer esses fatos tornarem-se relevantes a leitores de continentes diferentes?

- É uma notícia exclusiva? Muitos jornalistas são obcecados por competir com colegas de jornais concorrentes. Acabam deixando de lado um leitor comum que acompanha apenas um jornal diário, ao contrário dos jornalistas que vasculham cada coluna impressa. A publicação de um jornal pode ser a única e final menção da



história, ou pode acontecer de todos os jornais correrem para cobrir o tópico ao mesmo tempo, mas com diferentes ângulos. Tudo depende do grau de importância e de interesse da notícia.

O que mais está nas notícias? Um dos papéis mais exigentes em uma redação de jornal é o teste de cópia. É o primeiro obstáculo no processo de seleção de notícias. O papel de quem faz o teste de cópia é ler cada parte da informação vinda da redação e emitir um julgamento inicial do valor da notícia, podendo destiná-la de três formas: descartando (para ser esquecida), arquivando para o mesmo dia se for preciso utilizá-la ou passando para o subeditor, que é a próxima barreira para a publicação.

Meu desafio enquanto jornalista é conhecer meu potencial público e convencer meu editor a publicar e aceitar minha visão e suposições sobre um determinado caso. Eles irão publicar minha história. Na prática, esse processo é moldado como uma cadeia de suposições e persuasões na produção e seleção de notícias.

3 O DILEMA DO DISCURSO

A realidade é que um texto com discurso colonial é um produto rentável. Esse tipo de discurso pode ser criado por um escritor que precisa garantir que seu trabalho seja publicado. Isso é reforçado pelos editores durante o processo de seleção, que será discutido posteriormente. O escritor descreve o que observa e suas experiências. Se o autor vê coisas “ruins”, que reforcem a visão colonial, ele justifica esse posicionamento como observações jornalísticas pessoais. O problema é que essas observações são encapsuladas na impressão e podem se tornar descontextualizadas durante o processo em cadeia de decisões tomadas pelos diversos profissionais envolvidos na publicação. Por exemplo, **George Monbiot** escreveu para o público britânico:

Eu cheguei a Porto Velho em um domingo de bebedeira na cidade, no início de fevereiro de 1990. Ao longo das principais avenidas, os carros estavam



rastejando, enfeitados com bêbados. Eles estavam sentados nos tetos e nas capotas, pernas penduradas nas laterais, treinando seus fígados para Carnaval no final do mês. Outros homens, também bebendo cerveja em sacos plásticos, caminhavam ao lado deles com cabelos cheios de serpentinas, barrigas balançando como pelancas. Eles abaixavam as calças para as mulheres e brindavam à saúde de todos.

Porto Velho, como todas as grandes cidades da Amazônia, é feia e sem pudor. A vida é irrestrita e vícios em bebida, sexo, música alta e condução perigosa são propagados sem nenhuma vergonha. Mas há um estilo para a libertinação que, às vezes, oferece certo charme. As esperanças vindas com o assentamento recente e a emoção de uma nova vida são evidentes nos excessos da cidade. A falta de cuidado com a cidade, proveniente de novas riquezas no centro, é refletida na pobreza em seus arredores. Lá, as cabanas dos migrantes se aproximam vagamente através de quilômetros de terra perdida, as crianças estão sempre descalças, são indisciplinadas e os gatos são peles em esqueletos.

Eu poderia escrever a mesma coisa a respeito da minha própria cidade na Inglaterra. Eu sei onde encontrar comportamento público como esse. Eu sei onde as pessoas vivem dessa maneira à minha porta, a 10 minutos de onde eu estou escrevendo essas palavras. Podemos encontrar relatos tanto de brasileiros quanto de ingleses que fizeram exposição de suas genitálias. Mas se eu escolho não seguir esse discurso, então me resta o “normal e cotidiano”: os edifícios, os turistas, o comércio, as lojas, os bares e restaurante calmos onde os namorados ficam de mãos dadas. Isso porque eles também fazem parte da vida aqui. Mas ninguém quer ler algo sobre o comum. Eu não serei capaz de vender um artigo ou livro que descreva o mesmo cotidiano que acontece em toda cidade ou país em qualquer canto do mundo. É o extraordinário que vende. E é assim que funciona com escritores, jornalistas e equipes de filmes no estrangeiro. Os olhos deles são treinados para o estranho, o incomum, o assustador. À medida que escrevem, os autores pensam em como as editoras irão querer imprimir seu trabalho para lucrar. É um caminho aceitável a seguir se o escritor quiser garantir sua publicação.

Para tentar colocar o discurso colonial da Amazônia dentro de contexto, eu precisei descobrir o que os rondonienses pensam e escrevem sobre si. Pedi a um grupo de dezesseis estudantes de pós-graduação, que escrevessem dois breves parágrafos sobre seu Estado. O primeiro para ser lido por um amigo e o segundo para ser lido por um provável turista ou visitante dessa parte da Amazônia. A faixa etária dos estudantes que participaram variava entre 25 e 50 anos. Eu estava interessado em ver se eles iriam retratar uma descrição para o turista e uma diferente pra seus amigos. Apenas dois do grupo escolheram fazer isso: destinaram aos amigos as críticas quanto à falta de teatros decentes e o alto nível de poluição sonora nas ruas. Mas ainda assim, tentaram balancear: “a vida é difícil e temos que trabalhar muito para sobreviver. Não obstante, as pessoas são muito boas de lidar e há uma mistura de muitas raças do Brasil”. Lendo as respostas e tabulando as palavras-chave dos textos, resultou no contraste das perspectivas deste grupo:

Texto de dois parágrafos, cada um contendo cinquenta palavras com o título “Minha Rondônia”: um para ser lido por um amigo e o outro por um visitante.

Palavras-chave	Positivas	Negativas
Aspectos humanos		
Amigável	11	-
Pessoas	9	-
Crime	2	2
Poluição	1	1
Subdesenvolvido	-	4
Aspectos naturais		
Clima quente	5	2
Rios e cachoeiras	8	-
Beleza	8	-
Peixes e pesca	6	-
Pôr-do-sol	4	-
Animais selvagens	4	-

Vale salientar que, embora os estudantes estivessem escrevendo aos amigos ou visitantes, ainda assim passariam suas descrições para mim, um representante de uma “cultura exterior”. Apesar disso, a tendência é clara. Os textos enfatizaram o



lado positivo e balancearam o negativo. As palavras enfatizadas levaram a essa generalização (palavras minhas):

Rondônia é um estado brasileiro com pessoas amigáveis, belos rios, cachoeiras, pôr-do-sol, pesca e nado. É, até então, uma área pouco desenvolvida em termos de infraestrutura humana e o clima pode ser muito quente às vezes, mas, em contrapartida, é a boa receptividade dos habitantes que faz com que seja um bom lugar para viver.

Meu grupo de estudantes escreveu sobre sua cidade e estado natal de maneira similar à forma que eu teria escrito sobre Yorkshire, Inglaterra, onde vivo. Eu também descreveria pessoas e pontos naturais, enfatizaria o positivo, mas temperaria com pontos negativos cuidadosamente escolhidos. Mas se fosse eu, escreveria um discurso sobre Rondônia baseado nos meus pontos de referência do continente em que vivo e, portanto, eu teria mais probabilidade de usar uma maneira de dizer semelhante à de Monbiot. Aqui está a diferença e a razão pela qual o primeiro contato com o texto de um estrangeiro pode ser uma experiência negativa para o leitor. Durante uma aula em Rondônia, no Brasil, eu mostrei a meus estudantes uma frase aleatoriamente escolhida por mim, de Bob Reiss, em *The Road to Extrema* (1992):

“Fabio partiu com um ritmo constante e tranquilo longe da favela e em direção ao exterior de sua fronteira”.

Eu pedi para eles considerarem a escolha das duas palavras “placid” (calmo) e “slum” (em paz) para transmitir o significado e o que significaria para um leitor norte-americano ou britânico. Depois da aula uma estudante veio até mim, pediu para ver o livro e exclamou com raiva “Quem é este autor!”.

4 O EDITOR

Jornais diferentes destinam-se a diferentes segmentos de mercado, o que influencia a escolha de histórias que publicam. Isso foi confirmado no levantamento realizado para este capítulo entre os jornalistas seniores responsáveis pela



cobertura de notícias estrangeiras nos jornais nacionais do Reino Unido. Os resultados descritos aqui destacam as particularidades da seleção e publicação de notícias realizadas pela mídia britânica. Nesse estudo, eu descrevo os pontos de vista de jornalistas do *The Observer*, um qualificado periódico de domingo, e do *The Guardian*, jornal diário, ambos destinados a leitores regulares de classe média educacional, com foco em política, problemas sociais, negócios e com páginas de notícias estrangeiras claramente identificadas. Jornalistas seniores do *The Sun*, *The Mirror* e *The Express* também participaram do meu questionário. Juntos, esses três tabloides refletem a ampla variedade de estilos deste segmento de mercado, que enfatiza notícias de celebridades, questões domésticas populares e esportes.

Todos os editores internacionais expressam entusiasmo pelo seu trabalho e concordam que, notícias internacionais são de grande importância para eles mesmos. Mas seria de importância para seus leitores? A visão do jornal é de que os leitores são muito interessados em notícias além da Grã-Bretanha. Os tabloides divergem – seus jornalistas acreditam que os leitores tanto podem amar quanto não dar a mínima importância. Uma “perspectiva britânica” em uma história estrangeira pode pesar mais na escolha, tornando a história mais relevante e mais “próxima de casa” ao leitor. Quando se trata da briga de jornalistas de um mesmo jornal para imprimir uma história, o editor internacional explica que uma perspectiva britânica significaria que o departamento de notícias locais também poderia estar interessado na publicação, o que é especialmente importante em um tabloide que não possui espaço definido para a cobertura de notícias estrangeiras. Essa visão é confirmada por Tunstall (1972), ao observar que as histórias enviadas por correspondentes estrangeiros aos boletins informativos de Londres, quando comparadas às enviadas por jornalistas de notícias locais, tendem a ter o material alterado, reduzido ou até mesmo não utilizado na versão final do jornal.

Como o Brasil é visto pelos jornais nacionais britânicos? Pedi aos editores internacionais que descrevessem o país a um subeditor para que ele/ela pudesse entender sua importância geral. As respostas variaram entre “importante república latino-americana, predominantemente coberta por florestas tropicais, industrializado,



mas socialmente pobre” e “grande, fascinante, pouco retratado, possui um forte movimento social sem-terra, grande corrupção e índios”.

Na opinião deles, qual foi a maior notícia sobre o Brasil entre 1993 e 1998? A resposta decididamente repetida várias vezes foi a destruição da floresta. Outras respostas incluíram o assassinato de uma criança de rua, os resultados da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a morte de Ayrton Senna e as tentativas de extradição a Ronnie Biggs.

Os jornalistas disseram que seus leitores gostariam de ver novos artigos bem escritos e pesquisados, como por exemplo, artigos aprofundados com mais de mil palavras, com cobertura de temas sociais e econômicos. Havia certa frustração nos tabloides, onde os correspondentes estrangeiros tinham que lutar por espaço contra histórias locais. Entendia-se que, se os leitores quisessem acompanhar eventos no Brasil, por exemplo, eles poderiam comprar um jornal especializado. Além disso, já que o tabloide tem que publicar resumidamente a respeito de interesses em geral, celebridades e desastres, onde quer que as histórias ocorram, é pouco provável que esse tipo de jornal mantenha uma equipe no Brasil. Ao invés disso, iriam contar ao máximo com contatos locais, jornalistas *freelances* que talvez enviem uma breve história não solicitada de umas cem palavras. Um editor internacional sabe que nunca pode contar com a qualidade e a precisão da fonte desse tipo de material. Eventualmente, os jornais optam por enviar um repórter de Londres para fazer uma cobertura especial da notícia no país estrangeiro. É um risco de alto custo tomado por mérito do editorial. Apesar de tudo, deve-se lembrar de que o papel de um correspondente internacional é “proporcionar um olhar interessante e aprofundado sobre perspectivas atuais de relações mundiais, vistas através dos olhos de seu próprio país” (Herbert, 1976). É isso que tende a reforçar o discurso colonial originado por escritores e jornalistas e perpetuado através do processo de edição e publicação. Na minha experiência, não é passado nenhum treinamento aos jornalistas britânicos sobre como identificar e remover discursos coloniais. A definição de Herbert ainda é verdadeira nos dias de hoje, um quarto de século após ele ter feito a proposição.

5 A PROVA DO TESTE DE CÓPIA

Adam Raphael foi um ilustre jornalista britânico que passou sua infância nos Estados Unidos. De 1963 até a sua morte em 1999, trabalhou para a BBC, CBS News e Time Magazine. Correspondente estrangeiro que cobriu a Guerra do Vietnã ganhou prêmios por seu semanário na coluna da rádio CBS, “Carta de Londres”, onde apresentava uma visão externa de assuntos atuais na Grã-Bretanha. Ele é citado com o dizer “há muita notícia estrangeira que tem que lutar por um espaço em nossa mídia, em que [...] nós temos a responsabilidade de trazê-las para o público”. Note que Raphael acentua sua visão a respeito de que o jornalista tem um papel quase patriarcal de educar e informar, ao invés de só reagir para as preferências passadas e atuais do público. Em minha opinião, isso é a exceção e não a prática no dia a dia do jornalista britânico.

Reúna dois ou mais jornalistas e provavelmente o que eles discutiriam seria a prioridade de notícias de uma edição especial de jornal. É uma mistura de orgulho profissional, competição e inveja. “Por que a história X foi destaque em primeira página?” “Quem decidiu ocultar a história Y no canto da página da seção internacional?”. A posição das histórias de destaque editorial e a decisão do que incluir e o que excluir do produto final de publicação é uma das mais criativas, mais apreciadas e ferozmente debatidas habilidades do processo jornalístico. No jornalismo britânico essa tarefa é conhecida como o teste de cópia.

(1 = história de maior destaque)	Ranking nos Jornais especializados	Ranking nos Tabloides (imprensa popular)
Governo brasileiro admite taxa de desmatamento	1	9
Marcha pelos direitos dos sem-terra	2	8
150 morrem em deslizamento de terra no Rio	3	4
O Globo expõe vídeo secreto de espancamento policial	4	5
Cardoso deve defender um segundo mandato	5	10
Ronnie Biggs ganha batalha pela extradição	6	1
BP deve perfurar petróleo na foz da Amazônia	7	7



Brasileiro vítima da AIDS é tratado no NHS	8	2
Aumento do preço do grão do café	9	6
Pelé visita clube de futebol no Reino Unido	10	3

Neste exercício de teste de cópia, foi solicitado aos editores estrangeiros que simulassem que estavam na mesa de recepção de notícias. Todas as dez histórias vieram de correspondentes e agências em sua mesa no mesmo dia. Em seguida, eles teriam que colocar os títulos em ordem de mérito para a publicação em seus jornais. Deve-se ter certa precaução aqui, como destacou um editor, pois a inclusão final de uma história nesta lista dependeria do conjunto geral de notícias no dia. Outras histórias do Reino Unido ou do resto do mundo sobre meio ambiente, direitos humanos, tratados de extradição, desastres naturais, políticas presidenciais, preços de matéria bruta ou futebol poderiam afetar a decisão final do editor, se deveria ou não colocar cada história. Questão à parte, as diferenças são claras. As semelhanças, contudo, são intrigantes: nós podemos presumir que os leitores britânicos de maneira geral estão interessados em desastres naturais, crimes policiais, mas não preço do café ou na exploração da plataforma de petróleo? A conclusão é que editores estão selecionando e posicionando histórias de acordo com uma noção pré-concebida sobre o Brasil.

Um jornalista experiente tal qual um editor estrangeiro seleciona histórias todos os dias, das quais ele/ela acha que interessará aos leitores e conforme o estilo e o formato editorial de cada jornal. Em outras palavras, é a tênue linha entre satisfazer o mercado e manter a diretoria contente. Apesar de todo proprietário de jornal negar para as pessoas qualquer envolvimento de manipulação no processo de seleção de notícia, a política editorial de cada jornal baseia-se no entendimento entre cada jornalista e editor que trabalha no processo de produção.

6 O EDITOR

A imprensa no Brasil e na Grã-Bretanha compartilham algumas similaridades. Em ambos os países, os principais títulos de jornais diários pertencem a famílias ou



grupos magnatas da mídia. No Brasil é o império O Globo, da família Marinho, e o grupo de Diários Associados, fundado por Assis Chateaubriand. Na Grã-Bretanha, na década de 1990, existia o império do United Newspapers, formado por Lord Beaverbrook, News International de Rupert Murdoch, grupo Mail de jornais de Lorde Rothermere e depois, Mirror de Robert Maxwell. Em ambos os países, estes grupos não tem limitado seus interesses para publicar, mas sim expandido para redes de televisão e rádio.

Números oficiais mostram que 20% dos adultos no Brasil estão inaptos a ler e escrever, 60% consegue somente escrever seu nome.

No Reino Unido, 183 milhões de jornais foram vendidos toda semana em 1992, por um país com uma população pouco acima de 50 milhões. A Grã-Bretanha teve o mais alto consumo diário de jornais nacionais na Europa. Dois em cada três adultos leem um jornal todo dia. O jornal de maior circulação é o The Sun com 3,6 milhões vendidos todos os dias. O mais popular é o Daily Telegraph com uma circulação diária de 1,04 milhões. (Tudo baseado nos dados de 1992). O jornal de menor circulação é o Financial Times, vendendo 291.000 por dia.

O Brasil é descrito como um país de televisão. 77% assiste TV regularmente. A taxa diária de uma família assistindo é maior que 5 horas por dia. A Globo é a quarta maior rede depois das três maiores dos Estados Unidos. Os eminentes jornais nacionais são Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Globo, Jornal do Brasil. O jornal de maior circulação é a Folha de São Paulo, que publica menos que 400.000 cópias por dia. No total, há três mil títulos diários, incluindo jornais locais e regionais, e mais 1700 títulos semanais e quinzenais que, juntos, tem uma circulação total menor que sete milhões, o que representa 4,5% da população. Enquanto a TV pode representar a principal formadora de opinião no Brasil, a imprensa na Grã-Bretanha ainda mantém, comparativamente, sua forte posição de poder sobre a mídia eletrônica.

Há três teorias de publicação (Davison, Boylan & Yu, 1976). Na primeira, o proprietário da empresa ou estação de TV só inclui o que ele (e ainda permanece um setor predominantemente masculino) quer ou, pode colocar um ponto de vista

pessoal na história. Segundo, a mídia é só para produzir dinheiro e lucro, então o conteúdo é determinado pela audiência, seus gostos e preferências para temas, histórias e comportamentos. Por último, os jornalistas e escritores ditam o conteúdo através do processo de revisão por pares e da hierarquia editorial dentro do jornal ou da organização jornalística.

Todos estes representam, como sempre, extremos da realidade que, em minha opinião, é uma mistura sutil de vários tons dessas teorias e de outros fatores que poderiam incluir um ambiente predominante político e econômico: os custos do funcionamento de uma organização midiática sob essas condições poderia afetar o conteúdo. O tamanho, as despesas, o método de financiamento e o nível de pessoal podem determinar o que é publicado. A variedade das fontes de notícias e o número de informantes, comunicados de imprensa, consultores de relações públicas, grupos de lobby e assessores políticos, juntos, com a pressão diária toda hora para encherem as colunas e serem transmitidos, são outros fatores. E finalmente, claro, as preferências, necessidades e nível de educação da audiência, bem como a preparação e o nível de profissionalismo dos jornalistas, podem ser parcialmente determinantes de conteúdo.

Williams (1976) examina as proporções de notícias locais e internacionais em evidência diariamente nos tabloides nacionais e os jornais de grande escala britânicos, entre 1961 e 1973. Seu resultado confirma que os jornais do país são dominados pelas notícias da Grã-Bretanha, excluindo as notícias estrangeiras. Ele conclui que “as imagens ‘do mundo’ são, por seleção, ênfase relativa e exclusão real, decisiva e talvez desastrosamente formada”.

Para esta pesquisa, foi monitorada uma seleção de títulos britânicos, com histórias e características sobre o Brasil durante julho e agosto de 1997. The Times é um jornal diário nacional, The Mail é um tabloide de médio porte, The Economist é uma revista semanal sobre política e negócios e The Leicester Mercury é um jornal local diário de fim de tarde que atende a Inglaterra central. O Leicester tem sido utilizado por empresas de pesquisa de mercado nos últimos anos como um



termômetro do gosto da população. Diz-se que possui uma amostra de dados demográfica que reflete toda a Grã-Bretanha.

Durante o período da pesquisa, o Times estava antecipando o início da temporada britânica de futebol. Era lançada uma série com imagens todo sábado por três semanas, com os “100 melhores jogadores de futebol”. O Brasil ganhou em sete posições, incluindo Garrincha, Romário, Santos, Rivelino, Ademir e, claro, o número um foi Edson Arantes de Nascimento, “Pelé”. O nome dele também foi usado como exemplo em um artigo do Times, sobre recrutamento de trabalhos e carreiras, em “Ganhar é a única coisa que importa”, no qual compara uma dúzia de estrelas do esporte e conclui que todos eles compartilham “talento excepcional atrelado a indominável ambição”.

A Economist, durante o período de pesquisa, como deve ser breve, imprimiu uma série de artigos sobre questões de direito à terra no Brasil, o futuro do Mercosul, uma análise sobre a recente volatilidade no índice da bolsa de valores na Bovespa de São Paulo e uma parte sobre as armas de alta tecnologia dos Estados Unidos vendidas para a América Latina.

Em outras partes do Times, The Mail e The Leicester Mercury, a maioria dos jornais impressos dedicados à coberturas sobre Brasil, foi abordada uma análise e reação à evolução no caso de Ronnie Biggs. Com o tratado de extradição entre Reino Unido e Brasil, agora formalmente acordado e assinado, havia muita especulação que o governo britânico poderia solicitar a extradição do criminoso em agosto de 1997. O correspondente internacional do The Times no Rio apresentou correspondências, The Mail mandou uma parte de análises para seu correspondente de crimes em Londres. The Leicester Mercury, como todos os jornais regionais no Reino Unido, confiou nos repórteres de agências para tais notícias estrangeiras. Foi, contudo, descoberto um ponto de vista local para essa história. “Mr. Leicester’s Diary” é uma coluna regular local de fofocas, anedotas e memórias enviadas por seus leitores, que geralmente são no formato de antigas fotografias com o colaborador perguntando por seus velhos colegas de classe de 50 anos atrás, para voltarem a entrar em contato. Em agosto, um leitor enviou uma foto de sua esposa



com Ronnie Biggs em um bar no Rio, em 1979. Ela explicou que se motivou a escrever sobre as memórias desse encontro casual de oito anos atrás, depois de ler sobre a atual batalha de extradição de Bigg. O caso liderou a página 10 no jornal. Esse é um bom exemplo de como os jornais locais precisam “contextualizar” uma história estrangeira antes de dar um espaço a ela na página.

E por último, para esta pesquisa, na página 10 do Times de terça, 19 de agosto de 1997, em *Overseas News* (Notícias do Exterior): “Um cientista holandês descobriu a segunda menor espécie de macaco do mundo”. Essa foi apenas um parágrafo da cópia da imprensa associada. Não havia contextualização ou imagens. É um exemplo de como preencher uma coluna com embromação, com um título absurdo “O macaco com tamanho de rato”.

Esta breve pesquisa de seleção de manchetes durante julho e agosto de 1997, sugere que a série de assuntos brasileiros que são cobertos pela mídia britânica é limitada. Tratavam exclusivamente sobre futebol, meio ambiente e Ronnie Biggs. Se não fosse pelo caso Biggs ocorrendo nos últimos meses, o Brasil só seria mencionado ocasionalmente nesses jornais. A exceção aqui é a Economist, que recentemente expandiu sua cobertura às Américas.

Fora do período desta pesquisa, mas não menos importante de mencionar, é a quantidade de espaço nas colunas dedicada a uma tentativa das Universidades Oxford e Cambridge em organizar equipes de remo para participar de uma corrida de barcos no Rio Amazonas em Manaus, em setembro de 1997.

Escritores enfatizam que “as tripulações lançarão seus barcos próximo a crocodilos e cobras anacondas [...] e abaixo das águas os perigos são ainda maiores [...] peixes, incluindo a piranha, que devora vítimas inocentes”.

No evento, dois barcos afundaram durante os primeiros quilômetros da corrida, do total de 12 km. Nas notícias do acontecimento, montadas para publicidade, foram lançados dois artigos, uma foto e uma manchete principal por três dias no The Times. De toda essa cobertura, só o The Times, o mais positivo terceiro líder, conseguiu dar algum equilíbrio, objetividade e contexto. Disse, “o Amazonas é o rio mais selvagem da imaginação. Ao lado dele, o Tâmis é uma gotinha... mas

temos que admitir que o Tâmisia possui perigos urbanos tão nocivos quanto as piranhas e os mosquitos. O barqueiro no Amazonas olha pra onde ele está indo, ao invés de remar cegamente para trás... era obrigado a ser uma parte do teatro do velho império”.

Esses relatos confirmam a visão colonial do Brasil como uma fonte de notícias: onde o incomum é enfatizado, as diferenças, o estranho, o bizarro, tudo para fazer uma história publicável. Além do estereótipo de futebol e de Ronnie Biggs, a rara fauna e o perigo das águas do Amazonas são destacados, evidenciando como meios os de comunicação convencionais reforçam o discurso colonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para ser honesto comigo mesmo, eu não tenho uma ideia exata do que o meu público quer de mim como um escritor e jornalista. Eu uso uma forma imprecisa de adivinhação inspirada. Escola de jornalista, pressões grupos e anos de experiência e prática são fatores que me ajudam. A cada dia eu seleciono das mais variadas histórias e temas à disposição e suponho qual delas irá interessá-los. É minha intuição, na qual eu acredito que terá êxito e liderará para uma grande audiência. Se eu fizer uma seleção de notícias erradas, a audiência diminuirá. É o meu risco. As pesquisas de mercado me dão uma visão generalizada do meu público: sua idade, grupo social, preferências de compras, hobbies e estilos familiares. Mas fora isso, eu sei muito pouco sobre eles enquanto consumidores individuais. Se a pesquisa de audiência me diz que eles, como um grupo, não estão interessados em políticas internacionais, eu procurarei evitar publicar histórias dessa natureza, a menos que eu consiga personalizar e tornar a publicação relevante para o dia a dia da vida do meu público. O ponto crucial é que: o leitor, telespectador e ouvinte tem que se conectar com o assunto antes que ele ou ela compre e consuma uma peça da mídia oferecida. Carlos Alberto di Franco, um jornalista brasileiro, resume o papel: (citação em português)



Um bom jornal, por óbvio, não pode ser refém do mercado. Precisa, frequentemente, saber tornar interessante o que é importante. Mas um jornal de qualidade, sobretudo hoje em dia, não pode viver de costas para o leitor. Tal atitude é autista e arrogante. Os jornalistas precisam escrever para os leitores e não para os coleguinhas. O jornal precisa ter a sábia humildade de moldar o seu conceito de informação, ajustando-o às autênticas necessidades do público a que se dirige.

A mídia em massa não deveria meramente se conformar com as demandas do mercado. Mas a realidade é que em uma livre economia de mercado, onde os meios de publicação e transmissão são mantidos nas mãos de corporações privadas, o escritor produz o que ele/ela acha pode ser vendido com sucesso para o editor que, por sua vez, foca no que o mercado comprará. Por outro lado, o leitor consome o que ele/ela assiste em determinados anúncios e propagandas.

A consciência do discurso colonial surgiu porque os sujeitos destes trabalhos despertaram curiosidade para descobrir o que os gringos tem escrito sobre seu país. Não há nada que um autor deteste mais do que comentários negativos sobre o assunto de sua escrita. Alguns jornalistas seguem uma regra pessoal de nunca mostrar o trabalho finalizado para a pessoa sobre a qual escreveu, antes da publicação. O que, acredito eu, mostra um receio por parte do jornalista de que ele/ela tenha distorcido a verdade. Senão, não haveria problema. A dificuldade é que o jornalista sabe que o sujeito sobre quem escreveu tem direito moral ao veto. Se a pessoa disser “não, eu simplesmente não gosto disso, eu nunca disse isso, você deturpou completamente”, então o escritor é colocado na desagradável posição de ter seu trabalho inteiramente destruído diante dos seus próprios olhos. Melhor ter sua impressão e publicação primeiro, para então sofrer quaisquer consequências que possam surgir. Essa prática lamentável leva a um discurso sem consentimento. É muito melhor argumentar que o sujeito é dinâmico no processo literário, mas deve-se deixar sem dúvida, que o produto final baseia-se nas percepções somente do escritor. Os sujeitos são, afinal, itens não passivos. A menos, claro, que o escritor caia do céu para gravar suas observações e publique. Não, essa não é a realidade. Todo escritor deve reconhecer que sua presença como um observador em uma terra



estrangeira age com um impacto dentro de uma comunidade local. Uma pedra não pode ser lançada sobre a água sem criar ondas.